



## INVISIBILIDADE NEGRA NO OESTE DO PARANÁ: UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA

Sônia Oracilio Duarte (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo/PR)

Prof. Dr. Paulo Roberto Azevedo (Orientador)

**PALAVRAS-CHAVE:** Invisibilidade, Negro, Oeste do Paraná.

**RESUMO:** Este artigo se propõe a apresentar a invisibilidade negra na região oeste do Paraná, utilizando-se da literatura acadêmica produzida até então. Por Invisibilidade compreende a ausência da participação negra nos relatos históricos e oficiais da região. Frente a este contexto, este trabalho está subdividido em duas fases, a primeira denominada “exaltação da frente sulista”, a qual, os autores, ao utilizarem documentos produzidos por empresas colonizadoras, reproduziram o seu discurso. Já a segunda fase, denominada “a vez do outro”, apresenta trabalhos que dão visão a novos personagens da história do Oeste Paranaense, que até o momento eram invisibilizado. Apesar de esta nova fase priorizar outros grupos, a população negra ainda permanece na invisibilidade, sendo a questão racial o ponto ainda não discutido.

### INTRODUÇÃO

É fato que a ocupação do Oeste do Paraná se deu de uma maneira planejada. O método utilizado para as vendas dessas terras consistia em seus próprios colonizadores chamarem, os que consideravam melhores, para o desenvolvimento da agricultura familiar, pois eram mais habituados ao trabalho em pequenas propriedades, ou seja, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, grupos esses que faziam parte, e que são denominados sulistas. Essa escolha não foi aleatória, acreditavam ser a sulista uma cultura mais evoluída, diferente dos denominados nortistas ou “pelo duro<sup>1</sup>” (COLODEL, 1994), modo como eram denominados os mineiros, paulistas, paranaenses entre outros grupos que não migraram da região sul do país. A terminologia “pelo duro” pode assim

---

<sup>1</sup> A partir do momento que a literatura utiliza o termo moreno, passa-se a considerá-lo como preto e pardo.



ser compreendida: “indivíduo moreno procedente de São Paulo, Minas Gerais ou nordeste brasileiro” (WACHOWICZ, 1987, p. 183)

De acordo com Finger (2003),

[...] a Maripá produziu uma espécie de ‘vazio social’ em suas terras para poder explorar e colonizar de acordo com seus interesses. A memória dos primeiros tempos da colônia não mais considerava os de outra origem e atribuiu o pioneirismo apenas aos colonos sulistas. Ela admitiu a presença do caboclo como fonte de trabalho braçal barato, e para mantê-lo como assalariado controlou o acesso à compra de terras. (FINGER, 2003, p. 10).

Mesmo sabendo da existência de outros elementos humanos que fizeram parte da construção do território do oeste paranaense, buscou-se através de vários mecanismos excluí-los, observando-se, nesse contexto, somente a exaltação ao elemento sulista. Dentro desta perspectiva, o grupo humano que não tinha essas características “sulistas” tornou-se invisível, de modo que renegaram a sua memória e a cultura dessa população.

Nesse sentido, a ausência de relatos sobre a densidade demográfica negra no Oeste do Paraná pode ser compreendida como uma invisibilidade. Por invisibilidade devem-se compreender situações “onde os negros foram negados no tempo enquanto agentes históricos num contexto de desprivilegiamento, não apenas através do silêncio da história oficial, mas também através de representações que alimentam práticas de discriminação no imaginário social” (GERMANO, 2009, p. 101-102).

A identidade é produto de uma situação relacional e, no oeste paranaense, muitas vezes vai assumir a oposição negro/branco, índio/branco, e ainda negro/branco/índio. Como a legitimidade desta identidade depende das relações de força entre esses grupos, o que ocorre é a imposição da identidade e da cultura do grupo colonizador, por sua posição de dominação no nível socioeconômico. E ela se impõe por meio de patrimônios imateriais, materiais, históricos e culturais.



Encontra-se, apesar das evidências, todo um discurso que promove a invisibilidade da identidade negra no Oeste do Paraná, ou seja, um interesse de um determinado grupo em se manter em uma posição de dominadora, o que conseguiu com facilidade em decorrência da experiência com processos de colonização anteriores, bem como devido à concentração de capital econômico, o que, conseqüentemente, resultou em poder político.

### **2.1 Exaltação da Frente Sulista – 1ª fase da historiografia regional (1980-2000)**

A presença negra no território brasileiro é uma questão que, nos últimos anos, vem despertando especial interesse por parte da historiografia, ou melhor, vem se tornando um objeto de maior atenção nos últimos anos, e que, no entanto, oferece uma ampla variedade de problemas a serem pesquisados.

Quando se trata da região Oeste do Paraná, apesar da localização de duas comunidades remanescentes de quilombos, uma em Guaíra e outra em São Miguel do Iguaçu, se torna quase inexistente uma produção historiográfica, ou de qualquer outra natureza.

Ao se buscar uma revisão na literatura da região Oeste do Paraná, grade parte das obras e autores – dentre eles Schallenberger (2006); Niederauer (2004); Gregory (2006a), (2002b); Freitag (2001); Colodel (1988); Wachowicz (1982) – tratam somente os aspectos relacionado à colonização e identidade de descendentes de europeus, gaúchos e catarinenses, deixando fora as discussões relacionados à população negra. Gregory (2006, p.86) ressalta em seu trabalho alguns enfoques e produções para os discursos das identidades no Oeste do Paraná, sendo que “[...] desta produção aponta para as memórias e marcos estabelecido em torno dos índios, principalmente guaranis [...]. Um outro conjunto de saberes se volta para a presença do homem branco no Oeste paranaense, destacando-se os obrages [...]”.

Ao ler esta citação, estabelece-se um diálogo com o trabalho de Elias e Scotson (2000), *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, isso porque “considerava-se que



lhes faltava uma virtude humana superior – o carisma grupal distinto – que o grupo dominante atribuía a si mesmo.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 19).

Os diferentes interesses que levaram a escrita da história regional a privilegiar apenas alguns elementos humanos são reconhecidos, isso porque a história é escrita pelos “vencedores”, sendo que, para os que escreveram tal história, é razoável a não presença do negro na construção da identidade do Oeste paranaense, como conceituam os autores acima mencionados. Os denominados *outsiders* se diferenciam do grupo dos estabelecidos por sua cor de pele, sotaque na fala e hábitos culturais.

Quando se pretende compreender a escrita da história do Oeste do Paraná, deve-se ter em mente que a sua produção ainda é recente, e passa a ganhar fôlego a partir de finais dos anos de 1980 e início dos anos de 1990. Isso decorre de vários eventos, entre eles a abertura de faculdades, o que resultou na permanência de pesquisadores na região, bem como a busca pela compreensão do espaço que passaram a habitar, dando origem em uma massa intelectual que, até então, não se tinha afluído.

Sua gênese se encontra na década de 1970 que, de acordo com Ivo Oss Emer (2012) se deve principalmente a formação em nível superior, em decorrência da demanda por profissionais qualificados. Toda a produção resultante da primeira e segunda fase da historiografia regional possibilitou um novo questionamento, podendo ser considerado um embrião, com muito trabalho ainda a ser feito, para que, em um futuro próximo, se tenha um conhecimento maior sobre a população negra da região.

Alguns dos trabalhos que se seguem demonstram claramente essa não presença negra em áreas colonizadas por várias empresas colonizadoras do Oeste do Paraná. Ao divulgar suas propagandas nos locais sobre os que tinham interesse, estas empresas colonizadoras buscavam deixar bem exposto, por meio dos sobrenomes dos colonizadores, sua identidade étnica.

Em pesquisa elaborada por Colognese, Gregory e Schallenberger, publicada em 1999 *Tupãssi: do mito a história*, os autores expõem os interesses das empresas colonizadoras privadas em divulgar quem eram os



seus colonos. Na obra, ao retratar a história do município de Tupãssi, Colognese, Gregory e Schallenberger trazem todo o contexto da formação da região oeste paranaense, e também abordam a ocupação pela população brasileira deste território, e afirmam que “[...] no que concerne a ocupação brasileira, se iniciara, ainda no século passado, quando por motivos estratégicos e de segurança das fronteiras, foi fundada, em 1889, a Colônia Militar, que deu origem a atual cidade de Foz do Iguaçu, o mais antigo núcleo urbano da região” (COLOGNESE; GREGORY; SCHALLENBERGER, 1999, p. 34).

Ainda conforme os autores supracitados, fatores como a política de Marcha para o Oeste, crises financeiras das empresas estrangeiras, assim como a migração de colonos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, impulsionaram a colonização do Oeste do Paraná. Colognese, Gregory e Schallenberger (1999, p. 40), uma vez mais, destacam a preocupação com o elemento humano que ocuparia essa região: “descendentes de alemães, de italianos e de outros imigrantes acostumados com a lida agrícola coloniais na pequena propriedade”, sendo que “da mesma forma, mas em menor intensidade e mais nas proximidades das margens do rio Piquiri, houve a priorização por colonos de procedência paulista, mineira e do próprio estado do Paraná” (ibidem, p. 41).

O oeste paranaense foi também colonizado por paranaenses vindos do Norte pioneiro. Entretanto, em trabalhos recentes realizados pelo projeto do Laboratório de Cultura e Estudos Afro-brasileiros (LEAFRO) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) demonstra-se a presença negra na ocupação do Norte do Paraná e, assim como no oeste paranaense, os negros foram igualmente colocados no plano da invisibilidade.

De acordo com Colognese, Gregory e Schallenberger (1999), os registros das empresas buscavam dar destaque a população sulista através dos sobrenomes, assim como “se esmeraram em registrar e divulgar suas intenções e suas atividades desenvolvidas” (COLOGNESE; GREGORY; SCHALLENBERGER, 1999, p. 41).



Para comprovar o interesse das colonizadoras em reinterar sua forma de organização e ocupação do espaço, os autores trazem a exposição destes relatórios realizados pelas companhias colonizadoras, onde se evidencia um grande destaque para a população vinda do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a qual se encontrava em maior número. Por outro lado, os relatórios apontam para um baixo número dos demais colonizadores e, de acordo com a interpretação dos autores, não se preocupavam em defini-los, já que “[...] não necessitam receber uma identidade. São simplesmente os outros” (COLOGNESE; GREGORY; SCHALLENBERGER, 1999, p. 46).

Como se pode notar, os “outros” foram considerados desnecessários para uma configuração populacional da região; no entanto, quem poderia ser esses “outros” invisibilizado, os quais as companhias colonizadoras não se deram nem ao trabalho de relatar, achando melhor esconde-los sob uma categoria a qual viesse a representar sua insignificância frente à expressiva população sulista que veio a ocupar este espaço denominado Oeste Paranaense.

Outro trabalho que retrata o oeste paranaense é o da autora Liliane Freitag, publicado em 2001 *Fronteiras Perigosas: Migração e brasilidade no extremo oeste paranaense*, no qual a autora retrata o município de Palotina e sua formação. Freitag (2001) também retrata o oeste paranaense como um local marcadamente povoado por “eurobrasileiros”; já em relação à população negra, não tece nenhum comentário.

Alguns dos gráficos que se encontram em seu trabalho relacionados à origem étnica no ano de 1961, demonstram que 50% dos moradores eram italianos, 40% alemães e 10% de outras etnias (FREITAG, 2001), não especificando quais seriam essas outras etnias. Já em relação à procedência populacional de Palotina entre os anos de 1956-1964, a autora aponta que tal população provém, majoritariamente, de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seguida pelos estados de Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Bahia e outras que também não foram discriminadas. Em mais um momento se torna possível



observar o “não dito” em relação a um determinado grupo, os quais acreditavam ser inferior.

Na atualidade, ao observar os dados referentes à população preta e parda residente no município de Palotina, constata-se presença considerável, de modo que, somando os dois grupos, calcula-se 8.398 mil habitantes que se autodeclararam negros de acordo com os dados do IBGE. Apesar de esses dados serem do censo de 2010, acredita-se que, por mais que tenha sido expressiva a participação dos descendentes de europeus, e como Salienta Freitag (2001) em grande maioria de origem italiana, não há como não existir uma porcentagem negra entre os que não foi declarada a origem.

Trabalho que também merece atenção é o realizado por Claércio Ivan Schneider (2001), *Os senhores da Terra: Produção de Consensos na Fronteira (Oeste do Paraná, 1946-1960)*. Nessa pesquisa o autor procura demonstrar a formação de uma identidade regional baseada no discurso de uma empresa de colonização, a saber, a MARIPÁ. Um dos primeiros trabalhos que realmente questionam a supremacia desta empresa em detrimento de outras, apresenta os vários recursos disponíveis por ela utilizados para a manutenção de seu discurso.

Segundo Schneider (2001), o que mais o surpreende em vários trabalhos realizados sobre o oeste paranaense é que “[...] Em grande parte destas publicações reforça as imagens produzidas pela empresa colonizadora, aceitando-a de forma acrítica e, assim, contribuindo para a preservação de determinadas caracterizações sobre a constituição sócio-política deste espaço” (SCHNEIDER, 2001, p. 4-6).

Contudo, ao observar o cenário desta região e as pesquisas que estão surgindo, o autor afirma que esta realidade, aos poucos, está mudando, tomando novas direções, de modo que, a partir de 1995, passa a ocorrer o aprofundamento de questões até então negligenciadas, privilegiando mais os aspectos socioculturais ao se debruçar sobre sua gente, mas não aquela gente que se encontra na história oficial, e que por todos já é reconhecida, mas sim sobre grupos invisibilizado.



Segundo o autor, quando se trata dos outros grupos, os que não são sulistas, e muito menos considerado colonizadores, recebem as seguintes nomenclaturas pela literatura: caboclo, paraguaio e luso-brasileiro (SCHNEIDER, 2001).

Portanto, a partir destes três trabalhos aqui mencionados, percebe-se a tendência historiográfica a discutir o oeste paranaense somente pelo viés do discurso da empresa MARIPÁ, e outras colonizadoras que seguiram o mesmo caminho. Por mais que deixaram em aberto algumas situações que tornam possível o questionamento, como quando são mencionaram outros grupos que também residiram em tal região, é dado ênfase à presença da identidade sulista. Schneider (2001), apesar de pontuar elementos importantes sobre como se conseguiu manter essa formação da identidade, também permanece regulado no que a grande narrativa do oeste do Paraná apresenta, no elemento sulista e na pequena propriedade rural.

## **2.2 A Vez do Outro – 2ª fase da historiografia regional (2000 - 2013)**

Como demonstrado, na fase anterior, “exaltação da frente sulista”, o grupo que migrou de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul foi exaltado frente aos outros grupos, os quais também ocuparam este espaço denominado oeste paranaense.

A partir de buscas nas mais variados fontes de pesquisas, relacionado ao negro no Oeste do Paraná, são inexistentes artigos, teses ou dissertações que discutam sobre esta temática; no entanto, foi possível encontrar materiais (monografias, dissertações e teses) que retratam este “outro” invisibilizado, o que denota uma diversificação da historiografia até então produzida.

Para representar essa fase, serão citados três trabalhos realizados entre os anos de 2005 e 2011. Vários outros poderiam ter sido selecionados, mas estes se tornam importantes porque trazem perspectivas diferentes, de modo que o primeiro a ser citado é de Robson Laverdi (2005) denominado *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná*, obra esta que se destaca por sua abrangência





temporal ao fazer uma revisão historiográfica do que foi produzido até então sobre o oeste do Paraná.

Acerca do segundo trabalho, *Cidade 'morada amiga' no oeste do Paraná: memórias das tensões em Assis Chateaubriand/PR (1960/2010)* (2011), de Marcia Cristina R. da Silva, acredita-se ser ele importante por se tratar de uma versão da história em que demonstra uma realidade oposta ao que se tem observado pelos relatórios das empresas privadas de colonização. Se, na primeira fase, encontra-se a exaltação da frente sulista, encontra-se neste momento, por meio desta pesquisa, a exaltação do elemento nordestino na história oficial. Apesar de apresentar como pioneiro aquele que deteve algum poder econômico e político, demonstra também algumas características do “outro” tão mencionado em vários trabalhos.

Por fim, mas não menos importante, o trabalho de Jani Fernando Langaro (2006), *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná*, consiste em uma pesquisa sobre os excluídos da história oficial. Um fator que se torna interessante observar neste trabalho decorre do fato de que esses excluídos, para ter acesso ao poder local e seus benefícios, assumem como sua a história oficial, esta escrita por um seletivo grupo.

Um dos estudiosos que pode ser considerado pioneiro nessa nova fase da história regional é Robson Laverdi, autor da obra *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná* (2005), segundo o qual, ao desenvolver este trabalho, seu interesse era o de “[...] historicizar os processos sociais de afirmação de um ‘outro’ ou ‘de fora’, constituintes das experiências de trabalhadores que migraram para o município de Marechal Cândido Rondon” (LAVERDI, 2005, p. 1).

O autor afirma que, ao se propor fazer este trabalho, em um primeiro momento objetivou discutir sobre um grupo que, em sua percepção, poderia ser considerado o grupo dos “outros”, os quais seriam os negros e nordestinos, no entanto, ao passo em que aprofundava os conhecimentos acerca da diversidade regional, descobriu que negros e nordestinos não seriam os únicos, optando, assim, por trabalhar com a história oral dos negros e também “[...]”



trabalhadores migrantes vindos do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do próprio Paraná, cujas trajetórias de lutas eram tão significativas quanto às dos primeiros selecionados e igualmente tendo a trajetória pouco contemplada pela versão oficial” (LAVERDI, 2005, p. 23).

Laverdi (2005, p. 43) aponta para o fato de que a historiografia regional se tornou uma “historiografia da colonização”, sendo que “a mistificação do passado na produção historiográfica sobre a região foi instada de diversos modos. Ora entrecortando interesses políticos sobre o futuro, ora atribuindo sentidos fluídos aos conflitos vividos no presente”.

É importante compreender que o oeste do Paranaense é um espaço de migrantes, sendo o único povo de origem local os indígenas, que foram dizimados para dar espaço ao que denominaram de “vazio demográfico”. No entanto, as únicas memórias presentes são as dos migrantes sulistas, memórias essas que se encontram visíveis nos espaços públicos de vários municípios da região.

Outro trabalho igualmente importante é *Cidade ‘Morada Amiga’ no Oeste do Paraná: Memórias das Tensões em Assis Chateaubriand/PR (1960/2010)* (2011), elaborado por Márcia Cristina R. da Silva e orientada por Robson Laverdi. De acordo com a autora, Assis Chateaubriand teve um passado marcado pela violenta ocupação de terra por parte das empresas colonizadoras e por posseiros. Apesar deste passado, buscou-se através das memórias recriar um espaço que passa a ser conhecido como “morada amiga”. Essa cidade, assim como várias outras, valorizou o elemento humano nordestino; no entanto, assim como outros municípios, silenciou as vozes dos grupos considerados sem importância para a colonização, ou seja, sem poder econômico ou político.

Este trabalho se torna importante por dar voz aos grupos menosprezados pela história oficial, demonstrando que, independentemente do elemento humano escolhido na colonização dos municípios da região oeste paranaense - sulista ou nortista - o controle sobre a escrita da história sempre



está nas mãos de quem detém o poder, ou seja, ela é escrita pelos vencedores.

Outro autor que também segue esta mesma linha de pesquisa, e que igualmente se depara com a questão de que, na região oeste, se buscou criar uma memória única tendo como exemplo o pioneiro, desbravador e laborioso, é Jani Fernando Langaro (2006), com o trabalho *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná*. Utilizando como base o município de Santa Helena, o autor por meio de vários materiais históricos, jornalísticos e monumentos, discute a memória pública que se criou no município, silenciando as outras vozes que não valorizavam o desenvolvimento local, de modo que, segundo o autor, “ essa memória pública possui, portanto, o caráter de conferir visibilidade a determinados personagens e processos sociais, relegando outros ao esquecimento, buscando tornar-se hegemônica” (LANGARO, 2006, p. 39-40).

Langaro (2006) destaca o fato de este entrevistado ser um pernambucano, embora se coloque como não pernambucano, por permanecer neste espaço, por adquirir terras, comprando, assim, a memória do pioneiro. Segundo o autor, “Ao reafirmar elementos dominantes, esses sujeitos estavam utilizando-os em seu favor, de acordo com seus próprios interesses” (LANGARO, 2006, p. 233), fazendo com que os setores hegemônicos aceitem as suas demandas.

### **Considerações Finais**

Os trabalhos acima citados, mesmo não se atendo às questões proposta por esta pesquisa, permitiram a compreensão dos atuais rumos que a história regional vem assumindo, expondo novos cenários de discussões que, por um longo tempo, foram negligenciados. Nesta nova fase, questiona-se essa identidade hegemônica, sulista que se fez por muito tempo presente, possibilitando um maior conhecimento da diversidade regional.



A invisibilidade negra até o momento ainda não foi questionada. Menciona-se muito sobre os nordestinos, mas a categoria cor se torna um tema delicado para ser tratado, o que pode estar relacionado a quase inexistência de fontes que possibilitem o desenvolvimento das pesquisas. Já em relação às fontes, um dos maiores problemas para o desenvolvimento de estudos sobre a presença negra é o silêncio a respeito desta presença, o qual se torna um obstáculo difícil de superar.

Mais uma vez, salienta-se que, ao fazer essa revisão da historiografia do oeste paranaense, em nenhum momento se tem o interesse em desmerecer estes trabalhos, tampouco se tem o interesse de questionar sua veracidade, mas sim, evidenciar a invisibilidade histórica e numérica da população negra.

#### Referências

COLODEL, José Augusto. Obrages e Companhias Colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960. Santa Helena, Prefeitura municipal, 1988.

COLOGNESE, S. A.; GREGORY, V.; SCHALLENBERGER, E. Tupãsi: do mito a história. Cascavel/PR: Edunioeste, 1999.

ELIAS, N. SCOTSON, J. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro. Zahar, 2000.

FINGER, Inácio. O processo de colonização em 1946 e a presença negra na colonização de Toledo no setor agrícola no período de 1946 a 1960. Monografia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Marechal Candido Rondon, 2003.

FREITAG, L. C. Fronteiras perigosas: migrações e brasilidade no extremo-oeste paranaense. Cascavel/PR: Edunioeste, 2001b.

\_\_\_\_\_. Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação. Tese (Doutorado) Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista – Franca: UNESP, 2007 a. Disponível em [http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/liliane\\_2007.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/liliane_2007.pdf). Acesso em: 10 abr. 2014

GERMANOS, Iris G. Carnavais de Porto Alegre: etnicidade e territorialidades negras no Sul do Brasil. In. RS NEGRO Cartografias sobre a produção do



conhecimento. (Org.) Gilberto Ferreira da Silva, José Antônio dos Santos. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 352 p.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4<sup>o</sup> edição. LTC. 2008.

GREGORY, Valdir . Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940/70). Cascavel: Editora da Unioeste, 2005a.

\_\_\_\_\_. Cultura e Identidade: A construção de memórias no Oeste do Paraná. In. SCHALLEMBERGER, Erneldo (organizador). Cultura e memória social: territórios em construção. Cascavel: Coluna do Saber, 2006b.

GUTIÉRREZ, Horacio. Donos de terras e escravos no Paraná: padrões e hierarquias nas primeiras décadas do século XIX. Artigo publicado pela revista História, São Paulo, v. 25, n. 1, 2006, p. 100-122. Disponível em <<http://www.e-carti.net/carte/358957>> acessado em 29/09/2011.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso Jan./Jun. 2014.

LANGARO, Jiani Fernando. Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná. Dissertação Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1289>>. Acesso 12 abril. 2014.

LAVERDI, Robson. Tempos Diversos, Vidas Entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 2005. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=XzkGobgw5q4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=XzkGobgw5q4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)> Acesso 10 abril. 2014.

SCHNEIDER, C. I. Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (oeste do Paraná, 1946 – 1960), 2001. 157 p. Dissertação (Mestrado em história – Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2001).

SILVA, Márcia Cristina Rodrigues da. Cidade “Morada Amiga” no Oeste do Paraná: memórias das tensões em Assis Chateaubriand/PR (1960/2010). Dissertação de mestrado. Marechal Cândido Rondon, 2011. Disponível em <[http://tede.unioeste.br/tede//tde\\_arquivos/6/TDE-2012-04-17T171641Z-714/Publico/Marcia\\_Cristina\\_Rodrigues\\_da\\_Silva.pdf](http://tede.unioeste.br/tede//tde_arquivos/6/TDE-2012-04-17T171641Z-714/Publico/Marcia_Cristina_Rodrigues_da_Silva.pdf)>. Acesso 10 abril. 2014

WACHOWICZ, Ruy. Obrageros, Mensus e Colonos: História do oeste Paranaense. 2<sup>a</sup> ed. Curitiba: Vicentina, 1987.